



Doutores Salim Tuma Haber e Jaldo de Souza Santos, depois da aprovação da filiação do CFF à FIP acompanham, em Cingapura, debates sobre a atenção farmacêutica nos países em desenvolvimento e pobres

CFF JÁ FAZ PARTE DA FIP

Veja as consequências da filiação do Conselho Federal de Farmácia à Federação Farmacêutica Internacional, ocorrida, no final de agosto

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
editor de PHARMACIA BRASILEIRA

O Conselho Federal de Farmácia já integra a Federação Farmacêutica Internacional (FIP). O Colégio daquela mais alta corte farmacêutica mundial, que já vinha analisando a proposta de filiação do CFF, desde o início deste ano, votou favoravelmente ao seu ingresso, no dia 31 de agosto. A apreciação ocorreu, em Cingapura, na Ásia, durante reunião do seu Conselho Executivo. Assim que foi efetivada a filiação do CFF, os seus presidente e vice-presidente, Jaldo de Souza Santos e Salim Tuma Haber, passaram a participar, já com direito a voz e a voto, de uma série de discussões sobre vários assuntos, como a prática farmacêutica em países em desenvolvimento. Os dois dirigentes também tiveram participação no 61º Congresso da Federação Internacional.

O presidente do CFF voltou de Cingapura otimista com os desdobramentos da filiação. Ele entende que este foi um dos passos mais conse-

quentes dados pelo Conselho Federal, nos últimos anos, em nível internacional, pois alinha o órgão brasileiro - e, conseqüentemente, a categoria farmacêutica - ao desenvolvimento farmacêutico em curso no mundo. "O Conselho tem responsabilidades ética e também técnico-científica com o farmacêutico brasileiro. Diante disso, seria impossível continuarmos mantendo os nossos olhares somente para dentro do País. Precisávamos romper esses limites, em busca de novos horizontes para os nossos conhecimentos, sob pena de nos afundarmos na desatualização", argumenta Souza Santos.

A desatualização a que se refere não é somente de natureza técnico-científica, mas de políticas e de condutas farmacêuticas. O presidente do CFF observa que há inúmeros movimentos, dentro do setor, principalmente no segmento da farmácia comunitária, acontecendo em vários países,

sacudindo a atividade e colocando o farmacêutico no centro da saúde.

Na Europa e Estados Unidos, farmacêuticos alinhavaram movimentos em favor do aprofundamento da farmácia clínica, em que se destaca o serviço de prescrição farmacêutica. Isto é, o farmacêutico que atua nas farmácias comunitárias indicam os medicamentos - apenas aqueles que não requerem prescrição médica -, depois de uma avaliação das condições pré-clínicas do paciente, e acompanha a sua ação terapêutica. No Brasil, esse movimento não ocorre com as mesmas características. Aqui, o serviço correspondente é a automedicação responsável (aquela acompanhada pelo farmacêutico).

Nas farmácias hospitalares, avança-se, igualmente, nesse sentido. No Primeiro Mundo, médicos, depois do diagnóstico, encaminham o paciente para a equipe de farmacêuticos, deixando que estes decidam qual o



Lideranças farmacêuticas das Américas com o presidente da FIP, Peter Kielgast (4º da esquerda); Salim Tuma Haber, vice-presidente do CFF; Aquiles Arancibia, presidente da Academia Nacional de Farmácia do Chile; Jaldo de Souza Santos, presidente do CFF; Blaz Vazquez, paraguaio, presidente da Fefas (Federação Farmacêutica Sul-americana), e Rodrigo Salas, costarricense, presidente do Fórum Farmacêutico das Américas.

medicamento a ser usado, de acordo com as conveniências orgânicas do paciente. O médico apenas prescreve a classe do produto (se antiinflamatório, antibiótico etc.).

Essa conduta farmacêutica repercute, internacionalmente, e os seus ecos chegam aos países em desenvolvimento. Em vários, a conduta adquire colorações diferentes, de acordo com o nível de qualificação, organização e mobilização da categoria. Também, de acordo com a legislação e as resoluções a que está submetida.

Essas ações do farmacêutico foram discutidas, no 61º Congresso da FIP, em Cingapura, com a participação do CFF. A Federação Internacional entende que o farmacêutico dos países em desenvolvimento precisam qualificar-se mais intensamente, na área da farmácia clínica, para atuar, cada vez mais, sobre o usuário, deixando de fazê-lo apenas junto ao medicamento. É o que o presidente da Federação Internacional, o dinamarquês Peter Kielgast, entende como “paciente orientado, em vez de medicamento orientado”. Aliás, na Dinamarca floresce um dos movimentos farmacêuticos mais ousados e vanguardistas.

O foco dessa recomendação está diretamente ligada à atenção primária, dentro da ótica de que ela é fundamental para prevenir e controlar grande parte das doenças mais prevalentes, no mundo. E a atenção farmacêutica não é outra coisa, se não um serviço de atenção primária.

Brasil - No Brasil, por exemplo, se o Governo e os proprietários de farmácia estimulassem as ações farmacêuticas, em toda a sua plenitude, na área

da farmácia clínica, a realidade da saúde da população seria outra, prevê Jaldo de Souza Santos.

O presidente do CFF diz que o farmacêutico poderia estar à frente de campanhas de esclarecimento sobre a prevenção e o controle de doenças crônicas e degenerativas, prestando, aí, um grande serviço à população. Poderia, ainda, desenvolver ações positivas ligadas à automedicação responsável, de monitoração dos medicamentos com vistas à criação de uma rede de farmacovigilância; ou, ainda, educando a população sobre os perigos do uso

indiscriminado de medicamentos, colaborando para a racionalização do uso dos produtos etc.

Enfim, são ações dentro da atenção primária que evitariam a ida do paciente aos hospitais, inclusive os de alta complexidade. Os resultados disso refletiriam diretamente sobre a melhor qualidade de vida do cidadão e no Sistema Único de Saúde (SUS), que deixaria de sofrer o estrangulamento de sempre. Isso representaria também economia para o sistema.

Fosso social - Por isso, a FIP e a Organização Mundial de Saúde insistem junto aos governos dos países para que invistam mais em atenção primária. É uma das formas de resolver os problemas de saúde da humanidade e de diminuir a vergonhosa distância social que separa os povos. Aliás, os grandes líderes mundiais têm se reunido, em torno dessa questão, o que, por si, é uma novidade, uma notícia auspiciosa em um mundo com rumos tão incertos.

Globalização - A enorme desigualdade, sempre gritante, parece ter encontrado fermento para crescer na globalização cujo processo teria sofrido uma perda de rumo, segundo avaliam alguns líderes, como o

Kielgast. Esse desajuste de rota vem aumentando o tamanho do fosso social, pondo, de um lado, os que têm saúde, dinheiro, conhecimento e tecnologia e, do outro, os que nada possuem.

Até nisso, os líderes mundiais buscam solução, entendendo que esse distanciamento afeta a saúde. “E a saúde é a chave para a prosperidade”, enfatiza Peter Kielgast. A OMS apela, até com uma certa dureza, aos líderes mundiais para que não poupem energia, tempo nem dinheiro em saúde.

Não é fácil imaginar que os países do Primeiro Mundo resolveram, há muito tempo, os seus problemas com saneamento básico, constroem os melhores hospitais, fazem chegar vacinas e medicamentos curativos às suas populações; geram empregos e renda; produzem alimentos etc. Por outro lado, em países da África, morre-se de fome e de doenças, há muito, controladas naqueles países ricos.

E, aí, está um ponto fundamental envolvendo o farmacêutico. Este profissional pode ajudar a resolver grande parte das doenças, preventiva e curativamente, através dos seus serviços de atenção primária. Há uma gran-



Salim Tuma Haber, Nara Luiza de Oliveira, presidente do CRF-GO, e Jaldo de Souza Santos foram recebidos pelo embaixador do Brasil em Cingapura, Paulo Dirceu Pinheiro...



...que os levou a uma audiência com o segundo secretário permanente do Ministério da Saúde de Cingapura, Yee Shen Kuan (2º da direita)

de mobilização pelo mundo afora, com vistas a fortalecer esses serviços farmacêuticos. Essa mobilização tem na FIP a sua maior articuladora. Por isso, quando for reivindicar junto ao governo brasileiro, o CFF terá, a partir de agora, o apoio de peso da FIP, diz o presidente do CFF.

A Federação Farmacêutica Internacional é uma entidade séria e com grande influência junto à OMS e aos governos dos países. As suas recomendações são bem acolhidas. Principalmente, agora, que autoridades dos países estão se convencendo dessa verdade inquestionável: o farmacêutico pode ajudar a reverter os graves problemas de saúde existentes.

A solenidade de abertura do 61º Encontro da FIP contou com as presenças do presidente da Sociedade Farmacêutica de Cingapura, Chui Wai Keung, anfitrião do evento; do ministro da Saúde e das Finanças do País, Lin Hing Kiang; do presidente da FIP, Peter Kielgast; do embaixador do Brasil em Cingapura, Paulo Dirceu Pinheiro, além de diversas missões diplomáticas.

Encontros – Em Cingapura, o presidente e o vice-presidente do CFF, junto à presidente do Conselho Regional de Farmácia de Goiás, Nara Luíza de Oliveira, tiveram vários encontros com autoridades de saúde daquele País, como do Brasil. Eles foram recebidos pelo embaixador do Brasil em Cingapura, Paulo Dirceu Pinheiro, que agendou e os levou a uma audiência com o segundo secretário permanente do Ministério da Saúde de Cingapura, Moses Lee Kim Poo, e o diretor de Ciências Farmacêuticas cingapurense, Yee Shen Kuan.

Os diretores do CFF reuniram-se, ainda, com lideranças farmacêuticas do continente americano, como o presidente do Fórum Farmacêutico das Américas, o costarriquenho Rodrigo Salas; o presidente da Federação Farmacêutica Sul-americana (Fefas), Blaz Vasquez, paraguaio; e o presidente da Academia Nacional de Farmácia do Chile, Aquiles Arancibia. Falaram da realidade farmacêutica das Américas, da necessidade de se incrementar a atenção farmacêutica nos países do Sul e centrais e de uma maior aproximação entre os profissionais, objetivando a troca de conhecimentos.

Foram também recepcionados

pelo presidente do Sindicato Federal das Associações Farmacêuticas da Alemanha (ABDA), Hans-Gunter Frie-se, na Mansão Alkaff, um elegante restaurante de Cingapura; pelo presidente do Conselho Geral de Colégios Oficiais de Farmacêuticos de Espanha, Pedro Capilla Martínez; e pelo presidente da Ordem dos Farmacêuticos da França, Jean Parrot, na Embaixada da França.

Jean Parrot, que também é um dos vice-presidentes da FIP, manifestou a sua alegria em receber o CFF como o mais novo membro ordinário daquele organismo. E convidou o presidente do Conselho Federal, Jaldo de Souza Santos, a integrar uma chapa encabeçada pelo próprio Parrot, nas



Doutores Salim Tuma Haber e Jaldo de Souza Santos visitam farmácia em Cingapura: "O passado, a tradição e o superdesenvolvimento em harmonia".

próximas eleições da FIP, em 2002, segundo Santos. "Gostaria de vê-lo como integrante da Diretoria da Federação Internacional", revelou o farmacêutico francês. E obteve, ali mesmo, um "sim" do presidente do CFF.

Dr. Jaldo de Souza Santos: "Mudamos. E mudamos por dentro"

Em conversa com diretores da FIP e de organismos farmacêuticos de outros países, o presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, traçou uma radiografia da situação da Farmácia, no Brasil, e das ações do CFF. "Já não somos mais os mesmos. Mas não mudamos apenas de tamanho, nem de números, nem de figura. A nossa mudança é muito maior, porque vem de dentro. É conceitual e filosófica", disse.

Souza Santos informou que está em marcha, no Brasil, uma verdadeira revolução empurrando a Farmácia para perto das questões sanitárias, sociais e humanitárias. "Uma revolução que ocorre, depois de tocarmos o fundo do poço da anti-Farmácia", acrescentou. Para chegar a este "inferno dantesco", a Farmácia brasileira passou, ao longo do século XX, por períodos de decadência, distanciando-se, velozmente, de sua própria natureza - os aspectos sanitário e social de suas funções.

Recuperação - "Eu diria que, nos últimos quatro anos, a Farmácia, no Brasil, passou a vibrar no diapasão da saúde. E tenho o orgulho de dizer que o Conselho Federal de Farmácia é um dos maiores responsáveis por mudança de conduta que têm levado a isso. Digo mais: o Conselho tomou a frente dessa reviravolta".

Hoje, ponderou Souza Santos, o Brasil ainda enfrenta muitas dificuldades com relação à atenção farmacêutica, "mas estamos melhorando", disse, citando o caso de Belém (PA), onde nenhuma farmácia funciona sem farmacêutico. Disse ainda que o setor evoluiu rapidamente em todos os segmentos. Ele salientou a busca do profissional pela qualificação.

"O CFF não sossegará, enquanto não promover a reciclagem do conhecimento de todos os farmacêuticos, não importando se ele se encontra, em São Paulo ou no mais longínquo povoado do sertão nordestino", anunciou. "Não sossegará, também, enquanto não conseguir convencer as autoridades sanitárias de que a atenção farmacêutica deve ser prioridade na agenda oficial", acrescentou. Nesse particular, falou da luta do CFF junto ao Ministério da Saúde, com vistas a que seja incluído o farmacêutico no PSF (Programa Saúde da Família).

Outro desafio do CFF citado pelo seu presidente é o de transformar o ensino de Farmácia, "de sorte que se rompam as fronteiras que separam as universidades - e em especial o ensino farmacêutico - de nossas realidades, fazendo de cada futuro farmacêutico não apenas um profissional de saúde, mas um cidadão comprometido com as mudanças sociais de que o Brasil precisa".